



O limoeiro foi para o fundo, a maromba não sobe mais: é hora de ir para a cidade e tentar sobreviver

Reidevandro Machado da Silva Pimentel

Raianne de Souza Rodrigues

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM
(Polo Parintins)

Ilka Tavares Pimentel

Nesse momento tão delicado e caótico provocado pela pandemia do novo coronavírus, as comunidades tradicionais da Amazônia, sobretudo àquelas de regiões ribeirinhas e de várzea do baixo rio Amazonas, manifestam real e constante preocupação com Covid-19. As notícias chegam principalmente através do rádio, mas também o caboclo conta com sua televisão e antena parabólica, que funciona a partir da energia fornecida pelo Programa Luz para Todos e/ou através da geração de energia dos motores estacionários e placas fotovoltaicas.

No beiradão (localidades rurais nas margens dos rios) se diz: “notícia ruim corre rápido”. Talvez por ter essa “facilidade dos meios de informação”, o ribeirinho dentro do seu conhecimento popular tem instalado placas de aviso aos visitantes para que estes não subam na comunidade. Esse cuidado no combate à interiorização da Covid-19 na comunidade se justifica pelo medo de adoecer e por não ter para quem recorrer caso perceba que a sua saúde possa estar prejudicada, já que o coronavírus tem alto poder de transmissibilidade e alta letalidade, fazendo destes lugares, no imaginário do caboclo, locais teoricamente seguros.

A vantagem de morar na comunidade ribeirinha é a tranquilidade, o silêncio, o vento no rosto, quando deitado em uma rede na varanda, olhando o movimento de vai e vem das embarcações. Um sossego imensurável, que não é trocado por nada no mundo, pois nesses lugares ainda se pratica a caça e mais fortemente a pesca, dada a abundância de espécies de pescado, como o tambaqui, tucunaré e matrinxã. Nos terreiros (quintais), sempre limpos, criam-se galinhas, patos, porcos. Para o tempero da comida, plantam-se cheiro verde (cebolinha), coentro, alfavaca, todos muito bem adubados em virtude das dezenas de mungubeiras, derrubadas devido a erosão, que descem no rio e misturadas ao esterco gerado pelo gado e galinha formam a química necessária para o plantio.



O ribeirão também planta algumas frutas como, por exemplo, a banana e o limão da região. Este último fruto, indispensável para a lavagem do peixe e assim, eliminar o pitiú (cheiro forte e desagradável) e para fazer suco rico em vitamina C. Para o ribeirão a utilidade do limão vai além do uso na alimentação, pois é a base para vários tipos de chás.

Cumprе ressaltar que embora o chá não tenha comprovação científica para o tratamento da Covid-19, o caboclo amazônico mantém sua fé no remédio natural, utilizado por gerações para prevenir as diversas gripes. Na sua crença, se o chá de limão com alho não cura, quais medicamentos utilizados nos protocolos curam, já que igualmente não tem comprovação científica? Esse conhecimento tradicional e práticas recorrentes de rituais nessas comunidades distantes, transmitidos por muitas gerações para o tratamento de diversos problemas de saúde se sustenta, talvez, pela sua eficácia na diminuição de sintomas ou até mesmo na recuperação de doenças, haja vista a ausência de hospitais e laboratórios para avaliações clínicas rotineiras nesses locais.

Outra grande preocupação assombra o ribeirão é quanto a cheia dos rios. Sim, estamos em época de chuvas torrenciais e como consequência vem a enchente dos rios, causando mudanças na vida de todos os amazônidas e de forma mais acentuada na rotina dos ribeirinhos.

A depender do mês, o grande rio Amazonas, por exemplo, estará com um volume tão alto, fazendo com que o caboclo precise fazer a maromba (elevação do assoalho de sua casa para fugir das águas e animais silvestres, que acabam invadindo o espaço e levando perigo às famílias). Todavia, chega um ponto que não adianta lutar contra a natureza, o rio vence a batalha anual e força o caboclo a se mudar temporariamente para as cidades vizinhas, nesse caso, especificamente o município de Parintins. Isso é doloroso para o ribeirão, que tem que deixar o seu lugar de origem e ir com sua família morar na casa de parentes, o que inevitavelmente gera aglomerações no novo espaço de moradia. Parintins, além de ser referência cultural, por conta do Festival Folclórico do Boi Bumbá, é referência de saúde para os outros municípios da região (Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Nhamundá, Maués), acolhendo também os municípios do estado do Pará.



A grande questão é que o caboclo sabe que na cidade, o cenário já está bastante ruim e a tendência é piorar porque ele não terá o rio para pescar e nem a mata para caçar. Sua sobrevivência está comprometida, forçando-o a trabalhar como “braçal” em situações muitas vezes precárias e insalubres, carregando mercadorias dos barcos, que chegam da capital e de outros municípios, abarrotados de carga e com alguns passageiros, que podem ameaçar a sua saúde pela grande capacidade de transmissão do Covid-19.

O novo coronavírus se movimenta através das pessoas, que chegam de forma clandestina ou não, num fluxo contínuo sem que as autoridades consigam contê-las mesmo sob decretos municipais, como *lockdown* ou o toque de recolher, como foi decretado pelo município de Parintins, mas que lamentavelmente se tornam inócuos pela falta de seu cumprimento por parte de uma parcela da população. Inevitavelmente acontecerá o contágio do caboclo e que, provavelmente, transmitirá o novo coronavírus aos demais moradores, mesmo sem a intenção de fazê-lo, pois poderá ser um paciente assintomático. O resultado desse fluxo será o adoecimento, seja pela fome que se impõe devido à escassez de dinheiro e por consequência de alimentos, seja em decorrência da contaminação pelo coronavírus.

O ribeirão, agora na cidade, passa por dificuldades que são impostas pelas condições da pandemia, mas vai lembrar que há remédios que seus ancestrais utilizavam, como o bom e velho chá de limão, alho e mangarataia (gengibre). Se tiver o mel de abelha, então, fica mais potente e ajuda a melhora dos sintomas, dado seu poder “terapêutico”. Para o caboclo amazônico, que vive nos beiradões, os chás e ervas naturais são a saída para a falta de dinheiro para comprar a azitromicina, ivermectina e tantos outros medicamentos instituídos em protocolos de tratamento da Covid-19.